

A RAZÃO DE SER DO PROJETO ARQUITETÔNICO.

PEREIRA, GABRIELA M. (1); BENEDET, MICHELLE S. (2) PACHECO, MARIA ALINE DE A.O. (3), AFONSO, SONIA (4).

1. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFSC/CTC/PósArq, Cx. Postal 476, Campus Trindade, Florianópolis/SC. gabimorais_arq@yahoo.com.br
2. Universidade do Estado de Santa Catarina. Arquitetura e Urbanismo. Rua Cel Fernandes Martins, 270, Progresso, Laguna/SC. mi_arq@hotmail.com
3. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFSC/CTC/PósArq, Cx. Postal 476, Campus Trindade, Florianópolis/SC. mariaaline@gmail.com
4. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFSC/CTC/PósArq, Cx. Postal 476, Campus Trindade, Florianópolis/SC. soniaa@arq.ufsc.br

Palavras-chave: projeto de arquitetura, processo, qualidade.

Resumo

O projeto arquitetônico é entendido, muitas vezes, como resultante da inspiração do projetista ou como uma simples resposta técnica ao problema projetual apresentado. Visto sob o enfoque da sua qualidade técnica, econômica, ambiental, social, simbólica, funcional e ergonômica, toda a complexidade do projeto se torna evidente. A importância de considerar o projeto como produto de um processo objetivo, com justificativas racionais e coerentes, tornará evidente a qualidade do projeto final e sua razão de ser, facilitando o exercício da criatividade, do desenvolvimento de métodos projetuais e da linguagem do projeto. Este artigo trata do processo que resultará no projeto, a importância do controle deste processo, a articulação entre os conceitos envolvidos e soluções adotadas, e sobretudo as discussões desenvolvidas durante a disciplina de idéia, método e linguagem, cursada no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PosArq da UFSC, ministrada pela profa Dra Sonia Afonso.

1. INTRODUÇÃO

Um projeto arquitetônico para uma edificação é resultante da proposição de solução para uma série de questionamentos práticos referentes à finalidade da edificação, a tipologia a ser adotada e a linguagem formal esperada, respostas encontradas através do processo projetual e sintetizadas no projeto final.

Gasperini (1988), afirma que o projeto é o recurso metodológico *de transferência da idéia para o plano da realização, ato complexo porque envolve procedimentos de transformação de conceitos mentais para sua representação, na maioria das vezes gráficas.*

Buscando conceitos básicos, de acordo com Borba (1994):

Projeto, s. m.1.Plano para a realização de um ato, desígnio, intenção. [...]3.Const. Plano geral de edificação.

Projetar, v. [...]3.Tr. Dir. Fazer a projeção de; planejar [...]6.Tr. dir. Formar o projeto ou o desígnio, idear,planejar.

Processo, s.m.[...]2. Maneira de operar, resolver ou insinuar; técnica.[...]6.Série de fenômenos que apresentam certa unidade [...].

A partir de tais conceitos, podemos concluir que o processo projetual arquitetônico é a forma de planejar uma edificação, de forma organizada e coerente, e tal processo envolve construção de idéias, formulação de respostas resultantes do conhecimento de métodos construtivos e materiais, tecnologias disponíveis e outras razões como as compositivas, tipológicas, ergonômicas, simbólicas e tantas outras envolvidas no ato de projetar.

O caminho percorrido entre a idéia inicial e o projeto final é que irá determinar a qualidade da edificação planejada, desmistificando o pressuposto de esta ser uma atividade que envolve somente conceitos subjetivos como inspiração e “gosto”.

2. O INÍCIO

Uma primeira idéia – o ponto de partida para o projeto – pode surgir da linguagem própria do arquiteto e sua intenção, das primeiras conversas entre este e o cliente, do programa apresentado ou mesmo de um material a ser utilizado na construção, no entanto, é essencial o contato entre a temática do projeto e o conhecimento prévio ou adquirido pelo arquiteto acerca do assunto. Desde contato, resultará um conceito, que irá conduzir o raciocínio do projetar, sendo sempre revisto, adaptado, reforçado ou mesmo reformulado, mas sempre cumprindo o papel de condutor ou delineador das idéias do projeto. Gasperini (1988), afirma que a *identidade conceitual que está “atrás” da concepção formal* do projeto arquitetônico é *uma preocupação de caráter teórico que deve estar presente em toda obra de arquitetura*.

Estabelecido o conceito projetual, a definição do espaço de intervenção irá delimitar o campo de atuação do arquiteto e suas possibilidades. Esse espaço de intervenção vai do físico, passando pelo social, cultural, tecnológico, histórico, dentre outros, e se expressa nos espaços cartesianos, social e vivenciado, quando resulta em um objeto físico, tridimensional, que se apresenta no contexto de uma sociedade e age diretamente no viver, habitar ou trabalhar do seu usuário.

Esse conceito e domínio do espaço projetado trarão a necessária consciência do projeto e do processo a ser desenvolvido, incluindo a definição da linguagem a ser adotada, quer seja a

linguagem gráfica como forma de explicitar tal processo, torná-lo compreensível e analisável, quer seja a linguagem projetual, como forma de expressão do projeto, sua apresentação formal e imediata ao usuário.

O conceito geratriz, como defende Brandão (2000), é o instrumento através do qual o arquiteto se utiliza para *revelar a idéia, o signo perfeito da imagem mental do projeto*, ou ainda a tradução de uma intenção ou propósito geral, em suma, *exprimir os pressupostos a priori dos quais partiu a resolução espacial*. Como forma de elemento de coesão, tudo irá se converter para o conceito do projeto, não se perdendo *o objeto artístico do objeto instrumental* (BRANDÃO, 2000), quando o concreto perde seu valor escondido sob uma pintura ou a luz atravessa sem significado uma janela, está apenas cumprindo uma função, no entanto, esse mesmo concreto mostra toda sua plasticidade na obra de Oscar Niemeyer e sua textura e força de expressão nas obras de Ruy Ohtake ou ainda, a luz desempenha papel cenográfico e formal quando interage com os vitrais de uma igreja gótica.

Iniciado tal processo, o arquiteto começa a explicitar suas idéias e uma de suas primeiras preocupações seria a definição e articulação entre o espaço interno e o externo. Desde o momento em que traça a primeira linha ou polígono, este determina o que será o interno ou externo, o zoneamento inicial da edificação. A partir de então, à medida que vai trabalhando, hierarquizando e definindo os espaços, o arquiteto se depara com problemas e questionamentos de ordem estética e técnicas, sendo a metodologia a ser adotada, o meio que irá organizar a solução destes problemas, sem perder o foco do conceito já antes determinado.

3. O MEIO

A solução de questões como os materiais a serem empregados, suas qualidades e características técnicas e formais como textura, capacidades estruturais, cor, a correta proporção entre cheios e vazios, o controle e fluxo da iluminação e ventilação, a relação harmônica entre os volumes da edificação, sua aberturas, o entorno e sobretudo a relação e interação entre a edificação e o seu usuário, será desenvolvida através da metodologia desenvolvida.

O método adotado pelo profissional será a organização das soluções e alternativas encontradas para que resultem em um produto eficiente e claro. De acordo com Gasperini (1988), *o único recurso metodológico que é constante no processo de transferência de idéias para o plano da realização é o "projeto"*, portanto, aqui se identifica a criatividade existente no processo devido às inúmeras possibilidades de solução para um mesmo problema, justificando a inovação e singularidade particular a cada projeto, influenciado ainda pelo repertório e formação de cada arquiteto.

Essa metodologia de projeto se mostra muitas vezes como um diálogo em que participam uma cultura arquitetônica e social, o arquiteto como intérprete dessa cultura, o público receptor e também alvo desse diálogo, o contexto urbano e econômico da obra final e ainda a linguagem em que o projeto irá se desenvolver e a obra irá se inserir.

Pause e Clark (1987), afirmam que *é evidente que uma idéia arquitetônica solidamente fundamentada [...] nos leva, inevitavelmente, a um bom desenho*, reafirmando a importância de uma composição formal para o projeto e a compreensão dos conceitos organizativos e do partido arquitetônico.

A identificação e análise da razão formal proposta por autores como Pause e Clark (1987) e Baker (1991), em que se compreende a estrutura, a concepção da iluminação natural, a massa, geometria, hierarquia, relações de adição X subtração, relações entre a planta, corte e elevação, circulação X espaço de uso, unidade X conjunto, repetitivo X singular e simetria X equilíbrio, servem para um possível controle do processo desenvolvido por um arquiteto, percebendo suas intenções e contribuindo para a evolução do ato de projetar quando alcançamos a “caixa de vidro”, citada por Silva (1998).

O domínio dessa *ideas generatrices*, consideradas por Pause e Clark (1987) como *conceitos dos quais se utiliza o projetista para estimular ou conformar um desenho*, se oferecem como *vias para organizar as decisões, para ordenar e para produzir de modo **consciente** [grifo nosso] uma forma*. Com a ordenação dessas idéias, alcançando o domínio do processo, o resultado irá se encontrar dentro do esperado, e não resultará em um surpresa inesperadas, retirada de uma *caixa preta* (SILVA, 1998).

A conformação da importância do projeto já é reconhecida *diante da responsabilidade que apresenta a “produção do objeto”, na escala do consumo e pelo seu valor econômico e social* (GASPERINI, 1988), considerando aqui o inevitável impacto, em maior ou menor escala, de qualquer obra arquitetônica por seu custo, mudança de uma ordem física já estabelecida e poder de permanência e constância.

No entanto, se torna evidente a necessidade de esclarecer e, sobretudo, fortalecer a necessidade de se dominar o processo de produção deste projeto para os profissionais e tal questão é uma das essenciais da crise do ensino de arquitetura, principalmente no Brasil.

Desvincular o projeto desse processo de produção faz com que perca sua característica de planejamento e *sua razão de ser deixa de existir* (GASPERINI, 1988), perdendo também o arquiteto o valor do seu conhecimento técnico e repertório arquitetônico, construtivo e cultural.

Muitas escolas de arquitetura não encontram o foco do ensino de projeto em suas grades curriculares, e o valor de interação entre as disciplinas, nem o profissional que desejam e precisam formar.

Essa formação se dá sem que haja uma relação prática e evidente com a prática profissional, sem existir a intenção, como afirma Del Rio (1998), *de educar futuros profissionais para o mercado, avaliar sua própria produção arquitetônica e conscientizar o público sobre arquitetura e o que esperar dela.*

O processo projetual não é explicitado na prática do atelier, que trata o projeto como atividade intuitiva, retomando a idéia abstrata da inspiração, e que seu processo pode ser resumido a um momento criador, apesar das reformas curriculares realizadas.

De acordo com Del Rio (1998), a criatividade e o mito acerca de tal quesito é tratado nos ambientes universitários de forma que coloca o *saber arquitetônico muito próximo do saber popular*, destacando ainda que a criatividade deve ser norteada por um *processo mental coerente, com método definido.*

Urge, portanto, a discussão e adoção na formação dos profissionais conceitos difundidos por tantos autores como Silva (1998), Mahfuz (1995), Comas (1985) e o próprio Del Rio (1998), como forma de se estabelecer um vínculo entre a razão e a produção do projeto arquitetônico.

4. O FIM

De acordo com Gasperini (1988), o projeto *possui uma evidente responsabilidade de compromissos e autorias*, enquanto expressão de uma linguagem, encerra uma série de conceitos, técnicas, soluções construtivas e intenções do arquiteto, mas sobretudo como expressão gráfica, como forma de explicitação em forma de desenhos, compreensíveis aos que irão construir ou vivenciar o espaço, se constitui em documento passível de avaliação quanto às suas características, seu desempenho e eficiência.

A avaliação do projeto se mostra essencial, por razões já citadas quanto ao seu impacto enquanto elemento construído, e sobretudo por ser o projeto um elemento em que alterações e transformações lhes são inerentes. O custo de mudança de um ambiente, de uma especificação técnica é infinitamente menor, se restringindo muitas vezes ao custo do trabalho profissional, se comparado o custo da derrubada de uma parede, de uma mudança estrutural, da perda de um lote de esquadrias, sem considerar o tempo desperdiçado, o sentimento de frustração do cliente e do profissional, a produção de uma maior quantidade de entulho, dentre outras questões, que deveriam ser evitadas pelo projeto enquanto elemento de planejamento da obra.

Avaliar a qualidade técnica de um projeto permite considerar o tempo de vida útil de uma edificação, o valor de custo versus o benefício do emprego de uma técnica construtiva avançada ou inovadora, sua viabilidade econômica permite sua efetiva construção sem que se torne um sonho acalentado, sua avaliação ambiental irá demonstrar seu impacto sobre o ambiente natural ou construído, sua influência na transformação do espaço em que será inserida a obra.

Uma avaliação funcional dará a medida em que o ambiente cumpre as funções a que se propõe, de seu sentido original, sua intenção primordial, enquanto a ergonômica irá avaliar sua interação e respeito ao usuário enquanto conforto e escala humana. De acordo com Gasperini (1988), *existe uma escala de intervenção que pode variar a responsabilidade d projeto, de acordo com suas finalidades*. Por menor que seja a intervenção existirá sempre um rebatimento de seu efeito em toda a linha de interação entre os diversos elementos existentes e interagindo na organização espacial em que irá se situar, aqui entram as avaliações sociais e simbólicas.

A obra arquitetônica no momento em que é apropriada por seu usuário passa a representar suas intenções e cultura, seus objetivos de vida e como deseja ser visto e representada na sociedade em que se insere. A obra enquanto elemento tátil e concreto, de acordo com Brandão (2000), *desoculta o conceito*, torna visível aquilo que antes permanecia oculto e então a obra acabada passa a ser a evidência do conceito antes dominado apenas pelo arquiteto.

Então a origem do projeto, o conceito geratriz passa a ser mutável, dependendo agora da cultura e repertório de quem o observa, de quem o vivencia, não se torna fixo no tempo, e passa a agregar valores subjetivos como agradável, bonito ou expressivo, mas aí se instala uma outra razão de ser – a da obra arquitetônica.

5. CONCLUSÃO

A importância do projeto arquitetônico enquanto instrumento de planejamento, de estudo de soluções e modo de antever situações é intrínseco à importância do próprio profissional de arquitetura, no entanto, a necessidade do domínio racional e coerente da produção deste projeto ainda necessita de maior evidência no meio profissional.

Uma metodologia de projeto organiza as idéias defendidas pelo conceito geratriz desenvolvido e esperado pelo arquiteto, direciona a solução dos questionamentos levantados durante a produção dos espaços arquitetônicos, torna evidente a produção de um desenho de qualidade e de uma obra eficiente, enquanto que uma ordem no processo argumenta as decisões adotadas, não as subjugando a conceitos como gosto, inspiração ou um simples “querer” do arquiteto, um capricho da sua experiência.

A avaliação deste projeto permite sua constante evolução e certificação de sua qualidade, e enquanto elemento de planejamento, evita custos desnecessários e inesperados, dentre outras

conseqüências, que não seriam alcançados por uma avaliação de desempenho em uso, que muitas vezes resulta em um documento que não age para a evolução do mesmo, por este, como obra construído, elemento estático não possuir mais a qualidade de elemento evolutivo e mutável.

Torna-se evidente, portanto, a importância da metodologia de projeto, de um processo na produção do projeto e da consciência crítica do mesmo na formação e na vida profissional dos arquitetos, produtores de espaços construídos, que agem na modificação e evolução dos meios de vida das cidades e da sociedade em geral.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAKER, G. H. **Análisis de la forma.** Urbanismo y Arquitectura. Design strategies in Architecture: na approach to the analysis of form. Mexico. GG. 1991.

BORBA, F. da S. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo. Ed. Melhoramentos, 8 ed. 1994

BRANDÃO, C.A.L. **Linguagem e arquitetura:** o problema do conceito. Interpretar arquitetura: Revista de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, n.1, Nov 2000. Belo Horizonte: UFMG.

COMAS, C.E. (org.) **Projeto arquitetônico.** Disciplina em crise. Disciplina em Renovação. São Paul. Projeto. 1985.

DEL RIO, V.(Org.). **Arquitetura:** pesquisa e projeto. Coleção Proarq. São Paulo. ProEditores. Rio de Janeiro. FAU/UFRJ. 1998.

GASPERINI, G. C. **Contexto e Tecnologia.** O projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura. Tese de livre docência, 1988. Cap 3.

MAHFUZ, E. da C. **Ensaio sobre a razão compositiva:** uma investigação sobre a natureza das relações entre as partes e o todo na composição arquitetônica. Viçosa / Belo Horizonte. UFV, Imprensa Universitária, 1995.

PAUSE, M., CLARK, R. H. **Arquitectura:** temas de composición. México. G.G. 1987.

SILVA. E. **Uma introdução ao projeto de arquitetura.** Porto Alegre. UFRS. 1998.